

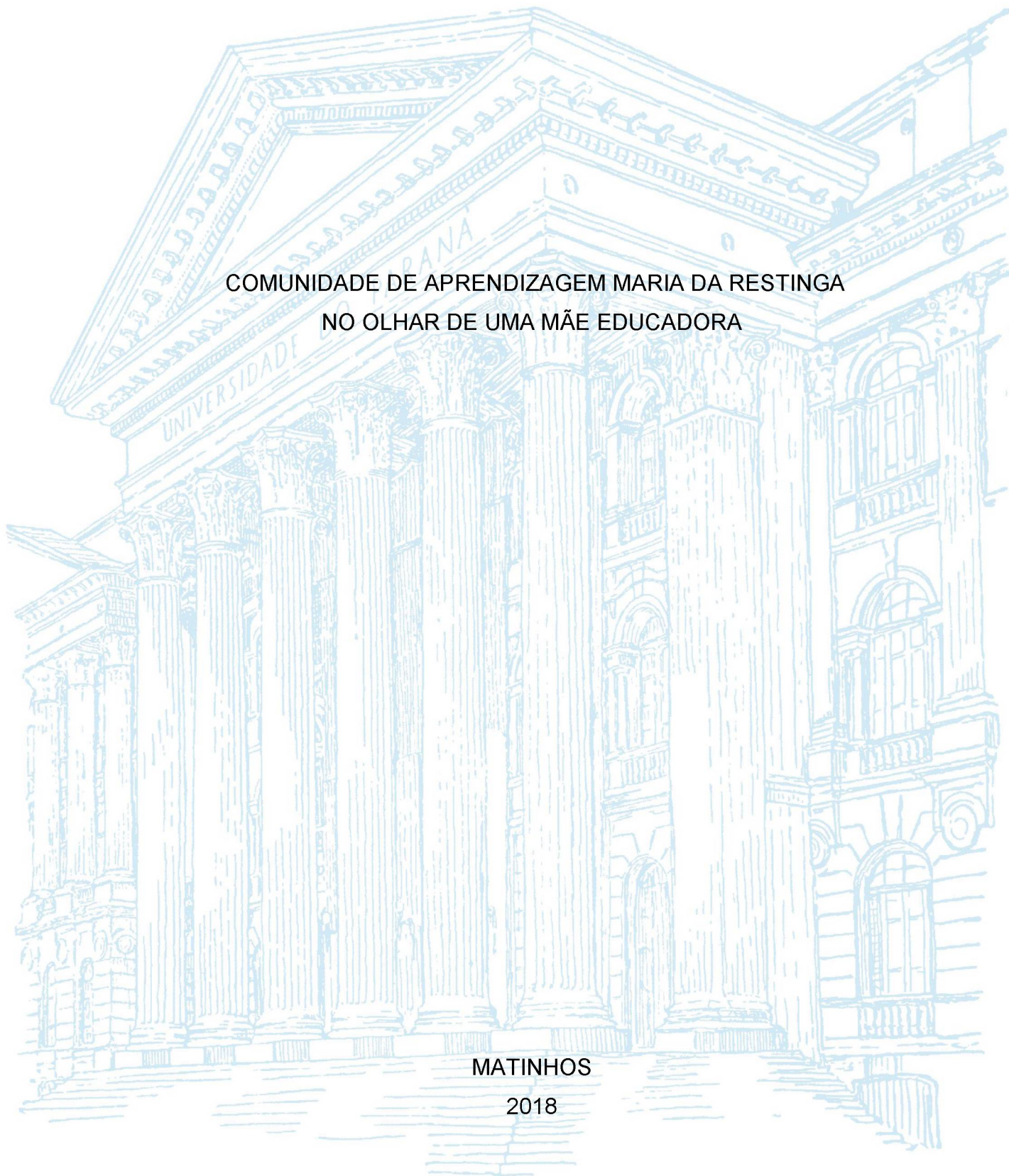
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA ELIZA DE PASQUALE E SILVA

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA
NO OLHAR DE UMA MÃE EDUCADORA

MATINHOS

2018



FERNANDA ELIZA DE PASQUALE E SILVA

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA
NO OLHAR DE UMA MÃE EDUCADORA

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

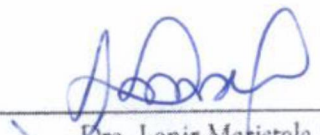
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO

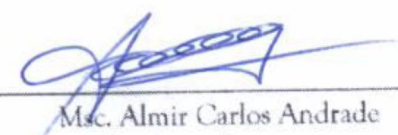


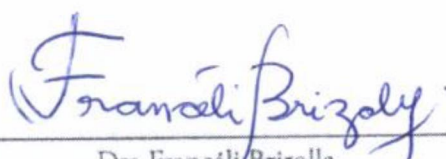
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

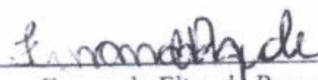
Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora Dra. Lenir Maristela Silva, realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Fernanda Eliza de Pasquale e Silva**, sob o título "COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA PELO OLHAR DE UMA MÃE EDUCADORA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.


Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Orientadora


Msc. Almir Carlos Andrade
Professor Integrante


Dra. Francéli Brizolla
Professora Integrante


Fernanda Eliza de Pasquale e Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico essa história aos meus três grandes amores, inspiração maior da vida: Naruê, Mainá e Tommaso, foi por eles que toda essa descoberta e desafio começaram. Com eles a vida mudou, ficou mais colorida.

Ao companheiro Bruno que me permite viver os meus sonhos e sonha comigo, que topou seguir nessa caminhada comigo, e que faz com que ela seja mais leve, juntos formamos uma grande e bela família.

Com vocês aprendo diariamente, sou feliz e mais forte. Acredito que somos sementes para um mundo mais humano e respeitoso para as futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

O sentimento da gratidão traz a responsabilidade de não esquecer ninguém nesse momento, missão difícil, pois foram muitas pessoas que estiveram conosco e nos apoiaram....

Durante todo esse processo na nova educação agradeço a todos que acompanharam e colaboraram na criação desse sonho que foi a COAMAR. Foi fundamental o apoio de todos para que ela acontecesse.

Sou grata a todos aqueles que vieram de longe para estar conosco, os que sempre estiveram perto, pais, mães, educadores, todos os voluntários que doaram seu tempo, seu carinho, seus conhecimentos, na luta juntos conosco.

Sou grata a quem despertou essa semente em mim e me fez conhecer um novo mundo, acreditar que sim, seria possível algo diferente e amoroso na educação das crianças, Casinha Amarela, Talita Moser e Grupo Órion.

Sou grata a todas as famílias, amigas e amigos de Matinhos que estiveram junto, desde o início do projeto da “Casinha”, que participaram nos encontros antes da criação da Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga e também durante a prática do projeto.

Sou grata a Comunidade Sarapiá e a Comunidade de Aprendizagem Vale da Comunhão de Morretes que também participaram desse cultivo, desde quando a ideia era apenas uma vontade.

Em especial pelo carinho e compressão agradeço ao educador José Pacheco que nos encorajou a iniciar essa jornada e nos empoderou para lutar como guerreiros pelo nosso espaço e por nossos direitos.

Com profunda gratidão a minha grande família que são a base do meu EU, pois foi através dela que pude seguir meus passos e fazer as minhas escolhas, segura e confiante dos meus sonhos.

E por último, não menos importante... ao contrário, TODOS os colaboradores, professores, amigos e colegas do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação – ANE / UFPR Litoral, que me possibilitaram ampliar ainda mais o meu mundo em relação a toda essa busca para a nova educação e viver novas experiências que foram fundamentais tanto para o desenvolvimento do meu projeto de vida como para o meu crescimento pessoal.

A educação é uma oportunidade de crescimento e de emancipação da pessoa e da coletividade, é um recurso para o saber e para o conviver, é um terreno de encontro onde se pratica a liberdade a democracia, a solidariedade e se promove o valor da paz. (Regimento Escolas e Creches para a infância da Comuna de Reggio Emilia, 2013, p.2.)

RESUMO

O presente memorial tem como objetivo descrever a experiência do projeto coletivo da Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga – COAMAR, no olhar de uma mãe educadora. Relatar o processo histórico de formação do coletivo que busca em diferentes autores e metodologias a possibilidade de proporcionar um processo educativo voltado para a educação infantil. Também apresenta a parte prática do projeto que visa respeitar o desenvolvimento integral das crianças e que tem como protagonistas os próprios sujeitos que a compõe. Aliada a essa experiência da participação no projeto é finalizado com as descrições das ações realizadas no período da Especialização em Alternativas para uma nova Educação – ANE UFPR Litoral.

Palavras-Chave: Educação 1. Coletivo 2. Infância 3.

ABSTRACT

The aim of this present memorial is to describe the experience of the collaborative project "Community of learning Maria da Restinga – COAMAR", by the look of an educator mother. This paper reports the historical process of the collective formation that searches through different authors and methodologies the possibility of delivering an educative process oriented to children's education. It also presents the practical part of the project that aims to respect the full development of the children and that has as protagonists the same people that compose it. Combined with the experience of having participated in the Project, this present memorial is completed with the descriptions of actions that occurred during the Specialization in "Alternatives to a New Education – ANE" Federal University of Paraná Litoral.

Keywords: Education 1. Collaborative 2. Childhood 3.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - VIVÊNCIA REALIZADA EM MORRETES, MARÇO DE 2016, DURANTE A CRIAÇÃO DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM VALE DA COMUNHÃO.....	7
FIGURA 2 - PRIMEIROS ENCONTROS COAMAR: REUNIÕES, GRUPOS DE ESTUDOS, FESTAS, RODAS DE CONVERSA.....	8
FIGURA 3 - CONANE CAIÇARA - CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO, ETAPA REGIONAL MORRETES-PR.....	10
FIGURA 4 - PILARES BASE DO PROJETO COAMAR.....	11
FIGURA 5 - PRÁTICA DE YOGA NA COAMAR.....	14
FIGURA 6 - CONVITE RODA DE CONVERSA COM JOSÉ PACHECO ORGANIZADA PELO GRUPO E REALIZADA COM APOIO DA UFPR LITORAL ...	16
FIGURA 7 - PLANEJANDO A ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA.....	17
FIGURA 8 - PLANTIO DAS MUDAS NA ESPIRAL DE ERVAS DURANTE A AÇÃO NA PRAÇA.....	18
FIGURA 9 - CONVITE DA AÇÃO ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA.....	18
FIGURA 10 - MUSICALIZAÇÃO NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA..	19
FIGURA 11 - RODA DE CONVERSA COM AS CRIANÇAS NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA	19
FIGURA 12 - PINTURA DAS PLACAS EDUCATIVAS NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS DA PRAÇA	20
FIGURA 13 - GRAFITE NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS DA PRAÇA.....	20
FIGURA14 - PINTURA DO JOGO AMARELINHA CARACOL NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS DA PRAÇA	20
FIGURA 15 - ESPIRAL FINALIZADA NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA.....	21
FIGURA 16 - CONVITE DA AÇÃO RODA DE CONVERSA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA COAMAR E A ABORDAGEM REGGIO EMILIA	22
FIGURA 17 - ESCOLA LORIS MALAGUZZI - REGGIO EMILIA.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	MEMÓRIA DE VIDA.....	3
3	DO SONHO A REALIDADE, A CRIAÇÃO DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA.....	7
3.1	PLANTANDO O SONHO.....	7
3.2	EXPERIÊNCIA PRÁTICA E PEDAGÓGICA.....	13
3.3	FORMAÇÃO CONTINUADA.....	16
3.3.1	Ação 1: Espiral de ervas na praça.....	17
3.3.2	Ação 2: A participação da família na COAMAR e a abordagem Reggio Emilia.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

É diante de uma insatisfação geral com o sistema educacional e com a forma na qual as crianças vêm sendo privadas em suas unicidades que um grupo de amigos, famílias e profissionais de diferentes áreas na cidade de Matinhos começam a se reunir e dialogar sobre alternativas educacionais diferenciadas.

A questão central quando pensamos em uma educação humanista, voltada para os direitos humanos, era que fossem respeitadas as necessidades das crianças enquanto seres únicos bem como a defesa de seus direitos. Educar para os direitos humanos significa reunir esforços, conhecimento, recursos e atividades, por meio de iniciativas de todo o gênero e através da cooperação entre os mais diversos atores e instituições do Estado e da sociedade.

O intuito sempre foi disseminar uma cultura de paz, trabalhando para a melhoria da vida em sociedade, buscando a garantia de uma vida digna a todo ser humano. Quando falamos em se estabelecer uma cultura de paz, nos referimos a formação de uma cultura de respeito aos direitos humanos, “tomando como referência o próprio inacabamento do homem, eterno aprendiz, sujeito de sua própria cultura que se constitui humano pela própria experiência humana” (GORCZEWSKI; TAUCHEN, 2008, p.71).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, “a educação em direitos humanos é um processo ao longo da vida que constrói conhecimentos e habilidades, assim como atitudes e comportamentos para promover e apoiar os direitos humanos” (UNESCO, 2012, p. 2).

Partimos do pressuposto de que na educação infantil encontra-se um grande potencial para iniciar a transformação da educação oferecida principalmente as classes populares. Para que esta transformação ocorra é necessário que esta educação vise o desenvolvimento humano integral como ponto norteador do processo educativo.

No coletivo fez-se necessário o ideal de pensar e atuar junto como comunidade no que afeta quanto a preocupação com o ambiente escolar que as nossas crianças irão frequentar e como elas poderão SER respeitadas, acolhidas e escutadas em suas necessidades e escolhas.

Nas últimas décadas vêm crescendo o movimento por uma nova educação, surgindo cada vez mais iniciativas alternativas que buscam alinhar sua atuação à

construção de uma sociedade mais justa, cooperativa e criativa, no enfrentamento dos problemas que assolam a humanidade.

Se somam diversas pedagogias, criação de redes de apoio, sistematização de diferentes metodologias de trabalho para o desenvolvimento integral do ser humano. No mundo afora há relatos de experiências educacionais diferenciadas no início na década de 40, que se formam a partir do esforço de mães e de projetos educativos comunitários que valorizam os conhecimentos locais, a autonomia dos estudantes, a afetividade, o ensino por projetos, por problemas, dentre outros, possibilitando a formação de cidadãos preparados para construir uma nova consciência na sociedade.

É nesse movimento de pensar e criar uma nova escola, a escola que queremos, que após alguns encontros, reuniões de grupos de estudos, participação em conferências e seminários e uma ativa troca de experiências que se dá o início da formação da Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga - COAMAR.

A COAMAR configurou-se em um coletivo com o objetivo viabilizar processos de aprendizagem junto à educação infantil com a participação de mães, pais, profissionais e comunidade, buscando uma abordagem integrada entre os processos educacionais e o desafio da vida em sociedade.

Neste contexto é que este memorial apresenta a experiência da proposta prática e pedagógica da COAMAR na visão de uma mãe educadora bem como as ações realizadas durante o período de participação na primeira turma da Especialização ANE – Alternativas para uma Nova Educação UFPR Litoral, uma experiência única que proporcionou ampliar horizontes, contatos e seguir nesse caminho de uma nova educação. A UFPR Litoral – Universidade do Paraná, setor Litoral foi fundada em Matinhos em 2005, hoje conta com 14 Cursos de graduação. Desde o início essa instituição já adota valores de uma educação contra hegemônica, cuja principal objetivo é contribuir com o desenvolvimento sustentável e humanitário para o litoral do Paraná.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Recordações de uma vivência escolar difíceis de lidar e a vontade de não reproduzi-la. Depois da maternidade a responsabilidade da criação de um filho proporciona outra relação com a infância e com educação e assim desperta uma necessidade e uma busca intensa em oferecer algo diferente da experiência que vivi em minha infância.

De família numerosa sou a terceira de uma leva de quatro filhos, sendo uma do meio com dois irmãos mais velhos e uma irmã caçula. Escrevendo sobre essa memória de vida vem a lembrança de um lar sempre agitado. A maior e mais forte referência é da figura materna, o pai sempre esteve presente, porém viajava muito a trabalho e não tinha essa mesma disponibilidade.

Ao pensar na primeira infância muitas lembranças boas da minha mãe, ela foi muito presente no dia a dia, nas brincadeiras, na educação, no cuidado amoroso e criativo conosco. Esteve entregue desde que nasceu o primeiro filho e assim segue até hoje no cuidado e preocupação. Sempre muito disponível, dedicada e criativa, qualquer história ou objeto poderia virar uma nova brincadeira, um novo jogo, teatro ou um lanche diferente. Na rotina também fazia parte mediar conflitos, disputa por brinquedos, castigos e algumas “palmadas”. Eram brincadeiras entre irmãos, primos e com as crianças do bairro na rua e no clube, que naquela época ainda era mais comum.

Como comentei anteriormente meu pai viajava muito a trabalho e não participava ativamente no dia a dia. Ele vem de uma família de baixa renda, com sete filhos, uma infância difícil, precisou trabalhar desde muito cedo, muitas exigências e poucas oportunidades. Na figura paterna eu sempre tive um apego forte e carinhoso, sentia a sua ausência na criação, mas hoje sou capaz de compreender também as suas referências e supero esse sentimento com carinho e respeito.

De minha mãe, o trauma que ela diz trazer em sua memória é uma rejeição em sua família, onde o primogênito era homem, (orgulho da família, aquele teve mais facilidades e privilégios), depois veio a segunda filha e por último em uma gestação não desejada, segundo suas lembranças, ela, a terceira filha. Ela carrega as mágoas e frustrações por ter sofrido essas situações em sua infância, percebo que ela tentou sempre se dedicar ao máximo com os filhos, em uma entrega profunda, de não representar nem reproduzir esse trauma que passou. Já com meu

pai eu sinto que mesmo sem perceber reproduziu um pouco do que viveu, que carrega consigo isso da vida dura e difícil e muitas vezes tem dificuldade de lidar com qualquer coisa que seja nova ou diferente da sua rotina.

Já a minha fase escolar me traz difíceis recordações, ou seja, foi um período longo repleto de frustrações, cobranças e muitas privações. Hoje, depois da maternidade, após passar por diferentes processos na vida, ter tido diferentes oportunidades de estudar e vivenciar a infância e o processo de aprendizagem posso compreender com outro olhar a forma de escutar as crianças e observar mais as suas necessidades de uma maneira natural e respeitosa.

Na escola nunca fui uma “boa aluna” nos padrões conservadores, mas era uma criança curiosa, desafiadora, de muitas perguntas e argumentações e adorava as atividades físicas, manuais e artísticas. Sempre tive bastante dificuldade em me concentrar, para leitura e estar muito tempo sentada realizando tarefas, contas, cópias, temas que não fossem do meu interesse. Conseguir atingir a média nas notas era uma luta, e como consequência gerava problemas em casa, cobrança e muita pressão sempre. No ambiente escolar também era uma criança que não me sentia muito acolhida, não era aquela criança que brincava com todas, eu me sentia rejeitada. Apesar de viver encantada em brincar de bonecas, sempre com muitos filhos, imitando a jornada que vivia em casa, eu também adorava estar com os meninos, gostava de jogar bola, e as brincadeiras deles, afinal também tinha a convivência em casa os dois irmãos mais velhos e com eles interagia sem malícia e preconceito. Porém eu percebia que em outros ambientes as pessoas se incomodavam por eu ser “moleca” e ainda me chamavam de “Fernandão”.

Também como consequência de avaliações e comportamentos na escola a minha liberdade e confiança eram prejudicadas, pois meus irmãos mais velhos, por serem meninos tinham mais liberdade e eu sempre recebi muito não, sempre fui muito podada e muito limitada. Coisas como não poder sair com as amiguinhas, mesmo quando era um convite da família da amiga, e muito menos dormir na casa delas, o que se se estendeu até a época da faculdade.

Escolhi fazer turismo por gostar de viajar e conhecer novas culturas, foi na vivência da universidade que me vi mais rebelde, em busca de liberdade, ainda mais questionadora, me sentindo responsável por auxiliar o próximo, com muita dificuldade em lidar com injustiças e desigualdades. Isso gerava um confronto com

alguns professores. Foi no último ano da universidade que me conectei com o universo do turismo e a natureza e escolhi esse caminho para atuar na profissão.

Ao terminar a faculdade comecei a viajar, morar em outras cidades, ser cidadã do mundo e até hoje essa chama segue acesa em mim, desde 2002 já morei em várias cidades, estive por quatro anos na Espanha e agora Itália.

Em 2012 entrei para um novo ciclo, sempre desejado, foi quando recebi a feliz notícia de estar gestando a Naruê, minha primeira filha, momento em que comecei a viver o mundo materno intensamente, renasci e descobri um outro significado para minha vida. Desde então as necessidades, as escolhas os caminhos e prioridades de vida tem sido por ela, para a irmã que nasceu em 2015 e o irmão que nasceu agora em julho de 2018.

Dessa relação com a escola que foi desagradável para mim, regras e limites impostos dessa tradicional educação, percebi que não queria que meus filhos vivessem dessa maneira os seus processos de aprendizagem, não me satisfazia essa forma de educar, avaliar, classificar e qualificar os “alunos”. Quando a Naruê ainda bebê, começamos a pesquisar sobre criação com apego, disciplina positiva e educação alternativa, em busca de teorias, autores, práticas e vivências. Lendo, estudando e vivenciando isso tudo passamos a ter outro olhar para o desenvolvimento infantil com práticas amorosas e respeitadas que aumentou ainda mais a nossa necessidade e também as necessidades do bebê.

Em 2013 tive o prazer de conhecer o Grupo Órion do Equador que traz a prática da Educação Ativa na experiência no Centro Pestalozzi e nesse primeiro contato foi possível visualizar que pode ser diferente a aprendizagem, sem sofrimento, sem cobranças e de uma forma sutil e natural. Nesse processo surgiram muitas inquietudes e traumas, além da percepção do porquê do meu sofrimento durante o meu processo educacional e a forma em que eu era cobrada na escola e em casa. Pude conhecer na prática outra forma de educar, de respeitar as necessidades das nossas crianças para que possam viver, ser, e sentir livremente a escuta, a fala, a autonomia e que nós mães e pais (ou os criadores) seremos sempre a maior referência para eles.

Em 2014 fiz o curso de aprofundamento em Educação Ativa com o mesmo grupo, 2015 nasceu minha segunda filha que também mudou as necessidades da família. No final desse mesmo ano em Matinhos começamos a participar do primeiro

movimento com um grupo de famílias que compartilhavam um espaço para o cuidado coletivo com as crianças.

No comecinho de 2016 o grupo se dispersa, algumas famílias se mudam e nós começamos a participar dos encontros e reuniões em Morretes onde o educador José Pacheco também acompanhava e orientava na criação de um novo projeto educacional na cidade. Pacheco, fundador da escola da Ponte em Portugal e escritor de diversos livros, sempre foi uma grande referência, um grande mestre. Ele acompanha diferentes projetos educacionais no Brasil e em outros países, é quem nos traz várias reflexões em relação a escola: escolas são pessoas, escolas sem muros, sem aulas, sem classes, sem provas, porque prova, não prova nada! Tivemos o prazer de ter o Pacheco conosco em alguns momentos nos apoiando e orientando em ações e propostas.

A partir de março, começam os primeiros encontros e iniciamos o nosso processo em Matinhos para criar a nossa escola, esse processo de criação e construção estará detalhado com mais informações no decorrer desse memorial.

3 DO SONHO A REALIDADE, A CRIAÇÃO DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Inicialmente a proposta individual para ingressar na ANE era a elaboração de um roteiro para a organização e estruturação de um projeto com o objetivo de facilitar a regulamentação da COAMAR e futuramente poder acessar recursos financeiros por meios de editais e parcerias para o seu financiamento.

Das ações integrando a proposta individual com o coletivo ANE eu pensava em promover encontros intergeracionais com toda a comunidade Matinhense com objetivo socioeducativo a fim de divulgar o projeto, estimular e valorizar o intercâmbio de vivências e experiências entre as gerações.

No decorrer desse período houve muitas mudanças no projeto, tanto no grupo em si, como o perfil das crianças que frequentavam as atividades e até mesmo as suas necessidades. Conseqüentemente, as propostas e ações iniciais foram readaptadas e readequadas.

3.1 PLANTANDO O SONHO

O ano de 2015 marca o primeiro movimento histórico na cidade de Matinhos, pensado no cuidado com as crianças, quando um grupo de mães e pais se organizaram para proporcionar aos seus filhos um ambiente pedagógico de forma participativa e coletiva que respondesse as necessidades de cada família.

O conflito de busca se deu a partir da visualização de ambientes de escolas tradicionais, das propostas pedagógicas que esse atual sistema pedagógico tem adotado para realização do processo educativo das crianças.

O primeiro espaço que foi denominado de “A Casinha”, consistia em uma edícula construída nos fundos do terreno da residência de uma família integrante do grupo. Eram realizados encontros semanais, durante o período das manhãs, onde as famílias compartilhavam o cuidado com as crianças, a prática do livre brincar, e também o alimento (lanche da manhã e almoço).

A Casinha foi um dos principais motivos que impulsionou a mudança da minha família para Matinhos, Mainá tinha apenas 10 dias e Naruê quase 3 anos. Era a iniciativa que podia acolher as nossas necessidades e atender as nossas expectativas.

Não havia profissionais da educação, o grupo partia da reflexão de que ambiente queríamos para as crianças? O quê e como podemos mudar? Qual o

papel da escola e que cidadão ela vem formando? A atual crise que vivemos em sociedade, das relações com o entorno, será que isso tudo também não tem relação com o que as pessoas aprendem desde pequena em casa ou na escola?

Juntas as famílias traziam autores e referências para compartilhar no coletivo. Como eu havia feito o curso, estudado e presenciado algumas vivências na prática da Educação Ativa e os ambientes preparados, foi uma das experiências que escolhi apresentar na prática e no dia a dia com o grupo.

As atividades da Casinha aconteceram até o final do ano de 2015 e durante as férias, algumas famílias se mudaram e causou o fechamento do espaço. Foi uma experiência onde existiu um ambiente confortável para as crianças, e nós mães e pais, pudemos aprender juntos e nos estimular para continuarmos buscando algo diferenciado.

Entre fevereiro e março de 2016 ocorre a aproximação com um grupo de Morretes que já estava se articulando no processo da criação de uma nova escola, acompanhados por educadores da UFPR Litoral e do Educador José Pacheco. Foi em um encontro em Morretes com o Pacheco que dialogamos sobre a vontade do grupo em pensar em algo novo, e ele nos incentivou a promover encontros em espaços públicos para iniciar a nossa escola em Matinhos. A partir disso aconteceram as primeiras rodas de conversa e trocas de experiências com o grupo de Morretes (FIG. 01).

FIGURA 1 - VIVÊNCIA REALIZADA EM MORRETES, MARÇO DE 2016, DURANTE A CRIAÇÃO DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM VALE DA COMUNHÃO



FONTE: arquivo pessoal (2016).

Somado a necessidade de famílias, profissionais e demais interessados na criação de uma nova escola, a busca de um espaço que atendesse a demanda de crianças dentro da UFPR Litoral foi um fator agregador na formação integral que era iniciativa da proposta. Por meio dessas demandas, através de muitos encontros e diálogos, foi possível conseguir um local que mais tarde foi denominado Brinquedoteca (FIG. 02).

Em abril de 2016 acontece o Sarau Infantil, que marcou o início das atividades da COAMAR na brinquedoteca, uma das primeiras iniciativas abertas à comunidade que atraiu e uniu mais membros interessados em construir um projeto educativo na cidade de Matinhos.

FIGURA 2 - PRIMEIROS ENCONTROS COAMAR: REUNIÕES, GRUPOS DE ESTUDOS, FESTAS, RODAS DE CONVERSA



FONTE: arquivo pessoal (2016).

Em maio de 2016 alguns membros participaram da 1ª CONANE Caiçara - Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – etapa Regional realizada no município de Morretes-PR (FIG. 03).

Nesse momento houve a possibilidade de articular novos contatos e convidar novos sujeitos à proposta. Estiveram presentes educadores das redes municipais, estaduais, privadas e federais de ensino principalmente do litoral paranaense, que vivem os anseios por uma educação pública alternativa e diferenciada. “Educadores que não deixaram morrer a criança grande que os habita” (PACHECO, 2014, p. 29).

Outro destaque para um importante contato e fortalecimento foi a participação e o relato da experiência do grupo de Morretes da Comunidade de Aprendizagem Vale da Comunhão.

FIGURA 3 - CONANE CAIÇARA - CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO, ETAPA REGIONAL MORRETES-PR



FONTE: Arquivo pessoal (2016).

A partir desse momento começaram a acontecer reuniões semanais, com a presença de diversos colaboradores que participaram dos encontros com o objetivo de apoiar esta construção coletiva na idealização da instituição de aprendizagem desejável.

As reuniões de planejamento ganharam também outros momentos de interação como a festa junina, a mostra do filme “O começo da vida” produzido por Maria Farinha Filmes e dirigido por Estela Renner, e encontros especiais, como um evento com a participação do Educador José Pacheco, dinâmica de sensibilização com educadores do município de Matinhos.

Foi durante essas reuniões que se concretizou então a proposta preliminar da COAMAR, baseada na autonomia com a gestão participativa (envolvendo mães, pais, comunidade e escola) que considera da cosmovisão do saber popular dos pequenos e suas famílias, a criança como protagonista, carregada de conhecimentos e desejos, portanto ativa no mundo e não um futuro adulto.

Os limites foram pensados com amor e com co-responsabilidade, respeito mútuo, necessidades na cooperação, solidariedade e convivência, prioridades na alegria; brincadeira, contato com a natureza, saúde e alimentação adequada.

Os pilares ficaram definidos como RESPEITO, AUTONOMIA, ALEGRIA e DIÁLOGO (FIG. 04) foram escolhidos coletivamente e representam qualidades

instituição de ensino comunitária “assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade”.

Pacheco (2014 p. 93) revela-nos o conceito de comunidade onde “diz-nos o dicionário que comunidade é estado do que é comum, paridade, comunhão. Sociologicamente, é um agregado de pessoas que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem”

Segundo Torres (2003 p. 83) uma comunidade de aprendizagem é uma “comunidade humana organizada que constrói um projeto educativo e cultural próprio para educar a si própria, suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências, mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências”

Já o nome Maria da Restinga é uma homenagem a espécie *Phylloscartes kronei* ave endêmica do Sul e Sudeste do Brasil e que atualmente encontra-se ameaçada de extinção (GUSSONI, 2014). A homenagem tem o objetivo de destacar aspectos da ecologia e a valorização de saberes e seres endêmicos da nossa região bem como trazer o símbolo da liberdade de voar na representatividade do vôo e das escolhas das nossas crianças.

Em dezembro de 2016 o grupo apresenta o projeto à Secretaria Municipal de Educação, porém, não há adesão pelo município dessa demanda da comunidade nesse primeiro momento.

No ano de 2017 o projeto acontece no mesmo espaço, as reuniões seguiam semanalmente, porém com maior foco na organização das atividades práticas. As frentes de trabalho são extinguidas e o planejamento em quanto a elaboração do projeto para a sua formalização se dispersa um pouco.

Nesse ano passamos por alguns momentos difíceis quando surgiu mais uma vez a demanda na própria universidade de mudar o espaço e isso gerou grande desconforto, um momento de conflito e insegurança quanto a continuidade das atividades. Essa situação também contribuiu na mudança do foco do grupo que durante alguns meses passou priorizar os encontros e reuniões para conseguir resistir e manter o espaço sem que fosse trasladado para outro lugar. Com apoio de muitos colaboradores conseguimos permanecer ali, mas reduziram o espaço em $\frac{1}{4}$

da sala. Ficou uma sala pequena, mas ainda assim era possível continuar realizando as atividades do grupo.

Paralelo a isso aconteceram os encontros da ANE onde algumas ações foram realizadas na COAMAR.

3.2 EXPERIÊNCIA PRÁTICA E PEDAGÓGICA

Em agosto de 2016 a direção da UFPR Litoral transferiu o espaço da brinquedoteca para o então espaço de convivência intergeracional da UFPR onde se deu o início da parte prática do projeto.

As atividades passam acontecer de segunda-feira a sexta-feira, no período da tarde (de 13h30 às 17h30) nesse mesmo espaço atendendo um número de 10 a 15 crianças entre 18 meses e 5 anos de idade, sendo assim o foco se dá na educação infantil, da comunidade local e comunidade acadêmica. Essas crianças em geral são os filhos dos pais que compõe o coletivo, mas há também crianças da comunidade local.

A interação na prática se deu com a participação de uma pedagoga que estava diariamente com as crianças juntamente com a presença de algum voluntário (mãe, pais e outros colaboradores) que se fortaleciam no desafio de praticar as ações idealizadas. Esta organização se dava á através da construção de uma escala mensal.

Quanto a organização dos espaços pedagógicos foi pensado em proporcionar um ambiente preparado que atendesse as necessidades das crianças, onde pudessem interagir com o meio, estar em contato com a natureza e principalmente o desenvolvimento da autonomia.

Nesse sentido, utilizamos das contribuições da Educação Ativa e o universo pedagógico de Maria Montessori, que preconiza o estímulo à autonomia desde as tenras idades através dos ambientes pensados para que as crianças necessitem cada vez menos da interferência dos adultos nas suas ações. Toda organização e discussões foram feitas durante as reuniões que ocorriam praticamente todas as semanas e eram divididas em frentes de trabalho (alimentação e lanche, acolhimento e a pedagógica). Problemáticas e questionamentos também eram trazidos à reunião, como sendo o espaço de amplo diálogo e momento de falar sobre tudo que acontecia no que se referia ao projeto por completo.

Durante a rotina o livre brincar sempre foi caracterizado pelo não direcionamento das atividades, um dos pontos chave da prática, compreendido como ação de direito e qualidade natural da criança, assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi muito presente no dia a dia, sendo garantido e amplamente respeitado.

FIGURA 5 - PRÁTICA DE YOGA NA COAMAR



FONTE: arquivo pessoal (2016).

Nós adultos tínhamos como atuação prática a observação e intermediação quando fosse necessário, mas sem interferir. A brincadeira sem interferência do adulto, lembrando de brincar junto, se envolvendo no universo infantil sem interferir, mas sim participar, sendo por isso importante também, que a criança tivesse possibilidade de criar e seguir suas próprias emoções gerindo sua brincadeira. É nesse momento que podemos proporcionar que a criança possa demonstrar seus sentimentos, por isso o brincar pode ser considerado como a linguagem da criança, pois ela se expressa através dele, assim permitir o livre brincar é permitir que a criança simplesmente seja ela mesma e implica respeitá-la, compreendendo-a como principal sujeito, capaz de produzir conhecimento e cultura.

Vigotsky (1984, apud WAJSKOP, 2007), afirma que, é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência. Assim na brincadeira pode ser proporcionado à criança desafios e questões nas quais ela pode refletir, propor soluções e resolver problemas. Durante a brincadeira elas podem desenvolver a imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que futuramente serão utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira também permite o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a

autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência.

Segundo Carvalho (2007, p.3) “As culturas infantis são constituídas por um conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem modos de compreensão simbólica sobre o mundo”. Assim brincadeiras, brinquedos, cantigas e histórias que expressam o olhar infantil, olhar construído no processo histórico de diferenciação do adulto. As brincadeiras e os brinquedos criados e vivenciados pelas crianças ao longo da história da humanidade são, portanto, objeto de estudo que surgem à medida que entendemos a infância como categoria geracional sociologicamente instituída e produtora de uma cultura própria.

De acordo com Almeida (2005, p. 5): A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças.

Outro fator que consideramos importante é a socialização de crianças com idades variadas pois essa diferença permite que elas troquem experiências e aprendam juntas umas com as outras, essa relação faz com que elas desenvolvam a construção de pensamentos estruturados, além de todo desenvolvimento motor que é solicitado.

Foi durante as férias de verão em dezembro de 2017 que descobrimos a chegada de mais um bebê em nossa família, gestando novamente. Começamos então a pensar em um novo planejamento e também as prioridades e mudanças necessárias para continuar atendendo as necessidades das nossas meninas. Nesse período de férias eu tive a sensação da dispersão e um desinteresse geral no grupo que me desanimou um pouco e de uma certa maneira impulsionou na nossa decisão da mudança do país em busca de vivenciar uma nova prática pedagógica.

No primeiro semestre de 2018 o projeto COAMAR então começa a passar por um novo processo de reestruturação e mudanças internas. Desde o início do semestre houve muitas mudanças no perfil dos colaboradores, voluntários, das famílias e das crianças, eu ainda estava participando e colaborando no projeto, mas já estava em processo de mudança. Em meados de maio de 2018 eu e minha

família mudamos para a Itália e sigo acompanhando de longe essa nova fase do projeto.

3.3 FORMAÇÃO CONTINUADA

Durante todo esse período o grupo seguiu realizando encontros de forma auto-gestionada, de estudos e formações (FIG. 06), planejamento, alinhamento na estrutura pedagógica e metodológica, que também iam se transformando no projeto político pedagógico da COAMAR.

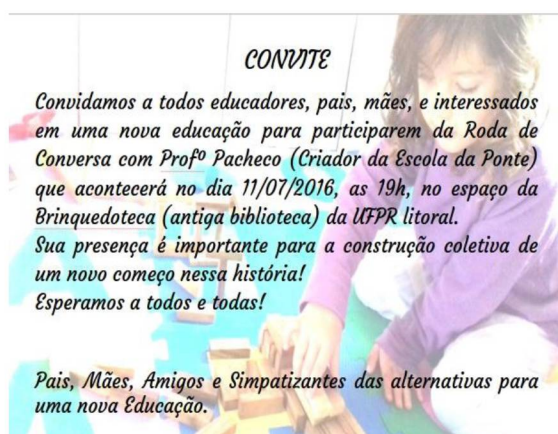
Houve encontros na busca de formalização, regulamentação e parceiras, o projeto foi apresentado a Secretaria de Educação Matinhos, Núcleo de Educação em Paranaguá e também nas coordenações e núcleos de extensão da UFPR Litoral.

Como processo de formação e trocas de experiências o grupo, com o apoio da universidade, educadores e voluntários de forma gratuita e aberta a toda comunidade.

Dentre esses encontros vale destacar:

- Roda de Conversa com o Professor José Pacheco
- A criança e a Infância, com Isabela Minatel
- Vídeo Debate com o filme “O começo da vida”
- Dinâmicas de sensibilização com a árvore da vida
- Educação Ativa e a Pedagogia Viva com Talita Moser (Casinha Amarela – Campo Largo), experiência que traz a visão na Pedagogia Viva, Educação Ativa
- Troca de saberes com educadores e famílias da Escola Grão do Saber (constituída e formada por educadores, mães e pais).

FIGURA 6 - CONVITE RODA DE CONVERSA COM JOSÉ PACHECO ORGANIZADA PELO GRUPO E REALIZADA COM APOIO DA UFPR LITORAL



FONTE: Projeto COAMAR (2016).

3.3.1 Ação: Espiral de ervas na praça

Como primeira proposta de ação integrando o projeto COAMAR ao curso de Especialização proporcionei um evento aberto para a comunidade para promover a interação socioeducativa da COAMAR com a comunidade Matinhense e estimular a apropriação dos espaços públicos.

A iniciativa começa em junho de 2017 durante a festa de 50 anos de aniversário de Matinhos, a COAMAR realizou várias atividades na praça uma delas foi a construção da Espiral de Ervas (FIG. 07 e 08), em comemoração ao dia internacional do Meio Ambiente.

Na formalização da proposta foi realizado o pedido de autorização oficial aos órgãos públicos responsáveis. O ofício e os convites da atividade foram entregues nas secretarias de Urbanismo e Planejamento, Meio Ambiente, Educação e Turismo tanto para a permissão da ação como para parceria para o dia do evento (logística e aquisição de material). O convite da também foi distribuído na comunidade, espaços públicos e privados, comércio e escolas da região e divulgado em redes sociais.

Para a realização da atividade houve o apoio de muitos voluntários, alguns parceiros e patrocinadores fundamentais para a realização da atividade: Centro Acadêmico de Agroecologia, Agropecuária Terras do Sul, Chico Minhoca (doação de mudas e adubo orgânico) e Nelço Zampieri (grande mestre nas plantas medicinais).

O momento foi de muita aprendizagem, uma atividade incrível. As crianças se sujaram de terra, sentiram os diferentes aromas e texturas e conheceram um pouco de cada plantinha. Elas estavam ali, entregues e participativas, cada uma fazendo a sua parte e se divertindo na construção da espiral. Aprenderam brincando a importância do trabalho em equipe e como continuar dando vida àquelas mudinhas, plantando com amor e regando com carinho.

FIGURA 7 - PLANEJANDO A ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FONTE: Arquivo Pessoal (2017).

FIGURA 8 - PLANTIO DAS MUDAS NA ESPIRAL DE ERVAS DURANTE A AÇÃO NA PRAÇA



FONTE: Arquivo Pessoal (2017).

Ao contrário daquilo que imaginávamos nas semanas seguintes a espiral foi sendo depredada pouco a pouco por pessoas que passaram pela praça. Parte da espiral desmoronou e as plantas foram roubadas. Com isso surgiu o desafio de reconstruí-la e mantê-la ali na praça “viva e inteira”.

Em julho foi realizado um mutirão para a reconstrução da espiral, é retomado o contato na prefeitura, com as secretarias, novos ofícios, outras barreiras burocráticas que, a pedido da Secretaria de Educação de Matinhos, resultou no projeto Espiral de Ervas na Praça e nas Escolas. Esse mesmo projeto foi entregue nas secretarias e escolas da região. Com a exceção de duas escolas que tiveram presentes no dia da ação, não houve nenhuma aderência da prefeitura municipal, nem da Secretaria de Educação que solicitou o projeto para formalizar a proposta.

Com o apoio dos voluntários foi feito então um novo convite (FIG. 09) entregue pessoalmente a todo comércio da região, cartazes e a divulgação nas redes sociais.

FIGURA 9 - CONVITE DA AÇÃO ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA

**CONVITE
VEM PRA PRAÇA!
RECONSTRUÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS**

A **COAMAR** - Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga - em parceria com o Centro Acadêmico de Agroecologia convidam para uma manhã divertida na Praça Central de Matinhos. Iremos reconstruir a Espiral de Ervas da Praça contar um pouco das plantas aromáticas e ervas medicinais.

Também teremos outras atividades:

- Arte na Parede
- Musicalização
- Pintura de jogo lúdico
- Pintura da espiral
- Plantio de mudas
- Instalação de plaquinhas educativas

Data: 01 de dezembro de 2017
 Horário: de 08:00 a 12:00
 Local: Praça Central de Matinhos
 Mais informações:
 41 996055931
 mariadarestinga@gmail.com

FONTE: Arquivo Pessoal (2017).

O evento contou com a participação de duas escolas municipais, integrantes da COAMAR, da ANE, Guarda Mirim Municipal e todos os parceiros citados anteriormente (FIG. 10, 11, 12, 13, 14, 15).

FIGURA 10 - MUSICALIZAÇÃO NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FIGURA 11 - RODA DE CONVERSA COM AS CRIANÇAS NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FONTE: Arquivo pessoal (2017).

FIGURA 12 - PINTURA DAS PLACAS EDUCATIVAS NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FIGURA 13 - GRAFITE NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FIGURA 14 - PINTURA DO JOGO AMARELINHA CARACOL NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FONTE: Arquivo pessoal (2017).

FIGURA 15 - ESPIRAL FINALIZADA NA AÇÃO DA ESPIRAL DE ERVAS NA PRAÇA



FONTE: Arquivo Pessoal (2017).

3.3.2 Ação 2: A participação da família na COAMAR e a abordagem Reggio Emilia

Estar integrada na ANE foi uma experiência de um crescimento pessoal muito valioso. Durante a participação na ANE houve inúmeras oportunidades de participar em várias ações, a nível local, regional e até mesmo internacional.

Pude vivenciar diferentes realidades, aprender e colaborar no coletivo, todas essas experiências me proporcionaram um novo processo de aprendizagem que escola, mestrado ou doutorado algum proporciona. A prática para a vida na fé de seguir acreditando e lutando por mudanças na educação.

É nessa reflexão que realizei essa última ação no mês de abril (FIG. 16), um evento aberto a comunidade para apresentar sobre a participação da família no projeto COAMAR, com objetivo de fomentar o tema da participação familiar no processo educacional e assim apresentar a metodologia pedagógica de Reggio Emília (Itália), que foi o motivo pelo qual decidimos mudar de país, viver na Itália para conhecer e vivenciar de perto essa prática pedagógica.

Optei em abordar a temática da participação da família, pois para mim, foi uma questão fundamental e prioritária durante todo o processo que participei na COAMAR.

FIGURA16 - CONVITE DA RODA DE CONVERSA: PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA COAMAR E A ABORDAGEM REGGIO EMILIA



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Foi por meio de um interesse comum que as famílias se aproximaram para a realização desse projeto. Todos os processos só foram possíveis, pois houve a dedicação de todos, incluindo os educadores e colaboradores que não tinham filhos participando das atividades.

Para que as práticas ocorressem em harmonia, o espaço estivesse organizado, o desenvolvimento e elaboração do projeto político e pedagógico, a contribuição das famílias foi sempre um ponto chave.

É em um primeiro contato com a Abordagem Pedagógica Reggio Emilia que vislumbro um sonho de poder experimentar essa prática. É em uma saída de campo com a ANE, para São Paulo, na CONANE – Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (nível Regional, em São Paulo) em dezembro de 2016 que conhecendo as experiências de outros projetos que tive o primeiro contato com essa metodologia e desde então passei a buscar referências bibliográficas, depoimentos, vídeos e contatos no Brasil de seguidores dessa prática.

A abordagem pedagógica adotada na cidade de Reggio Emilia, região norte da Itália, é reconhecida mundialmente. Tem seus primeiros passos no ano de 1946 em um período pós-guerras onde um grupo de mães se reúnem para construir uma escola para seus filhos. Está idealizada por Lóris Malaguzzi que delineou a abordagem pedagógica centrada na criança e em todas as suas linguagens.

Apresenta a filosofia onde as crianças são os protagonistas na aprendizagem, os professores são os guias condutores, já as famílias são pontos

chaves e a arte é uma ferramenta de expressão vital e espaço em si seria com um “terceiro educador” pois é visto como algo que educa a criança. Esse espaço é flexível, passa por constantes modificações com objetivo de sempre estar atualizado e disposto às crianças, para a construção do seu conhecimento. “Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela” (Edwards, Forman e Gandini, 1999, p. 157).

Em Reggio Emilia o professor aprende a escutar a criança, não apenas o que ela diz com a boca, mas o que ela expressa através de suas diferentes linguagens. “Escutar através da observação, da sensibilidade, da atenção, das diferentes linguagens” (Barbosa e Horn, 2008, p. 118).

FIGURA 17 - ESCOLA LORIS MALAGUZZI - REGGIO EMILIA



FONTE: Arquivo pessoal (2018).

Nesse sentido sinto a importância em compartilhar nessa ação, junto a participação da família a experiência de Reggio Emilia, pois há uma identificação tanto pessoal, como com a proposta do coletivo no processo do “educar”.

Durante essa apresentação despertou um forte interesse no grupo que demonstrou muita vontade em dar continuidade nos estudos dessa prática e futuramente conhecer mais a fundo a proposta, buscar mais referências e poder replicar na prática da COAMAR.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Processar toda essa experiência, elaborar esse memorial como um dos requisitos formais para a aquisição do certificado desse curso de especialização, me trouxe à memória tantos momentos especiais na minha vida de mãe e na referência que eu trago da minha mãe que me faço esse questionamento para trazer essas considerações finais, e agora, qual a minha conclusão e o que eu pretendo fazer depois de todas essas vivências?

Toda insatisfação e curiosidade que despertou os primeiros questionamentos no processo educativo formal e o caminho percorrido até aqui serão mediadores para os próximos passos. As escolhas e prioridades, pelo menos enquanto sentir a necessidade, durante a fase escolar dos meus filhos, serão na opção de poder eleger aquele que seja mais suave e respeitoso para a família.

Vivenciar ativamente a criação de um projeto educacional diferenciado me abriu muitas portas, pude criar juntamente com o coletivo um espaço de uso comum onde as crianças, no período em que estivemos ali, puderam viver o sonho da escola que queremos. Sou imensamente agradecida pelo tempo que durou, pela família que formamos.

Nessa vivência pude aprender muito, criar novas redes de contatos e conhecer um novo mundo. Houve muitos momentos de alegria, de conquistas, lutas, vitórias, aprendizado sempre, mas também houve a frustração, e essas frustrações trazem o reflexo de tantas mudanças nos últimos meses. Frustrações essas que podem ser só minhas, pois um coletivo nem sempre pensa igual e isso pode fazer com que o principal objetivo comum do coletivo se disperse e essa coletividade vai se dissolvendo em meio as ideias, ideais e prioridades. E percebi isso no nosso coletivo, quando as prioridades deixaram de ser as mesmas o compromisso também foi se dispersando no grupo e a vontade de ampliação do projeto para a comunidade

perdeu a força, o núcleo de força se enfraqueceu e a saída de muitos dos membros principais fizeram com que o projeto tomasse um novo rumo e que atualmente está em um novo começo com outras famílias.

E aquela frase: Ninguém disse que seria fácil. Muitas vezes se repete, principalmente quando a escolha é sair da zona de conforto e enfrentar novas realidades.

Hoje percebo a dificuldade em meio a tantas mudanças que optei por fazer nessa fase da vida, mudança de país, idioma novo, várias burocracias, duas crianças em casa (período de férias letivas na Itália de junho a setembro), gerenciando um pequeno negócio familiar no Brasil, finalização desse projeto e a reta final de uma gestação.

Em meio a isso tudo a certeza de um propósito ainda maior na educação infantil de poder seguir ao lado deles acompanhando os seus desenvolvimentos e necessidades em cada um de suas fases e os seus processos de aprendizagens.

Aqui na Itália pretendo conhecer e viver essa abordagem, de ensino público municipal e que é referência no mundo todo, desta maneira seguirei conectada a essa rede por uma nova educação com objetivo de contribuir com esses novos processos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. T. P. **O Brincar na Educação Infantil**. Revista Virtual EFArtigos. Natal/RN- volume 03- número 01- maio, 2005.
- ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Papyrus Editora, Campinas, SP, 2001 e Edições Asa, Porto, 2001.
- BARBOSA, M. C. S. HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BEZERRA, Z. F. *et al.* **Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária**. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago. 2010. Editora UFPR.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 de junho 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/cciv-il_03/lei-s/L9394.htm Acesso em: 17 de outubro de 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.
- CORSARO 2002, apud CARVALHO, Levindo Diniz. UFMG -GT-07: **Educação de crianças de 0 a 6 anos**. Agência financiadora: CNPq.
- EDWARDS, C. GANDINI, L. FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Ed. Paz e terra, São Paulo, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GIL, M. **Educação inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?** Rede Saci; Imprensa oficial do estado de São Paulo; Ashoka Brasil, 2005.
- GORCZEVSKI, C.; TAUCHEN, C. Educação em Direitos Humanos: para uma cultura da paz. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 66-74, jan/abr. 2008.
- GUSSONI, C. O. A. **Novas informações sobre a história natural da maria-da-restinga (*Phylloscartes kronei*) (Aves, Tyrannidae)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010, 65 f.

MALUF, A. M. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis: Vozes, 2003.

PACHECO, J. **A Educação no Brasil desperdiça recursos**. Disponível no site: <http://g1.globo.com/peernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2013/09/educacao-no-brasil-desperdica-recursos-diz-especialista-portugues.html.2013> Acesso em abril 2017.

PACHECO, J. **Aprender em comunidade**. Ed. SM, São Paulo, 2014.

PRADO, Cruz e GUTIERREZ Francisco. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**.